

A experiência da função mitológica no seriado *How I Met Your Mother*¹

Glauco Fernando CAVALHEIRO²

Ione BENTZ³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo entender se a narrativa presente no seriado *How I Met Your Mother* exerce uma função mitológica –no sentido de Campbell- e quais os efeitos deste fenômeno. Primeiro, buscaremos entender qual a função do mito na humanidade. Em seguida, utilizaremos da semiótica de Barthes e Fontanille para compreender se a narrativa no seriado pode ser considerada mitológica e como se dá sua apropriação, respectivamente. Descobrimos que, nos termos de Barthes, o seriado pode ser considerado uma narrativa mitológica. E, através de entrevistas em profundidade com fãs do seriado, descobrimos que os elementos da narrativa podem exercer uma função orientadora ao telespectador –como era o mito na antiguidade-, despertando nele reflexão ou até mesmo ação, comparando os eventos de sua vida aos do seriado.

PALAVRAS-CHAVE: mitologia, seriado, *How I Met Your Mother*, imaginário.

Introdução

O analista junguiano Gustavo Barcellos (BARCELLOS in HILLMAN, 2010, p.7) afirma que “contamos histórias e somos as histórias que contamos. Mais que isso: somos a maneira como contamos nossas histórias”. A explanação do autor, presente no prefácio do livro *Ficções que Curam* de James Hillman (2010), esclarece algo muito simples, mas que passa despercebido em nossa rotina: construímos nossas expectativas para o futuro, interpretações acerca do passado e informação do presente sobre os alicerces narrativos fundados em nossa mente. Ao construir estas narrativas, não importa somente os fatos que retomamos, mas a roupagem que damos à sua narração. Ao refletir sobre a vida, contamos e remontamos à história de nós mesmos, ou seja, vivemos as narrativas que criamos através de nossa imaginação, e, mais importante, resgatando memórias e moldando-as em torno das raízes de nossa psique. Mas de onde vem esta *praxis*?

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Bacharel em Comunicação Social pela UNISINOS, RS. Email: glaucocavalheiro@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Vinculada à Pós-graduação stricto sensu da Unisinos. Temática de pesquisa: Significação, Comunicação e Design; Professora nos níveis de graduação e especialização; Doutora em Linguística e Semiótica pela USP; Pós-doutorado pela Universidade de Paris-Sorbonne; Atuação em Direção e Coordenação e Pesquisa; Parecerista de agências e revistas nacionais. Email: ioneb@unisinos.br

Os acontecimentos no passado eram significados pelo conto mitológico. Diversas linhas e teóricos se esforçam para explicar a função do mito na humanidade e, o que há de mais central nessa discussão é que, de alguma forma, este tipo de narrativa mística e transcendental tinha como função dar uma forma aos eventos da existência humana. Eram essas narrativas que explicavam os porquês da morte, da vida, das catástrofes, etc. No entanto, a cultura oral e a aceitação da subjetividade do real foram se perdendo gradualmente. Hoje, nossa realidade deve ser sempre concreta e nossas histórias são propagadas pelos meios audiovisuais. Poderia o conto mitológico ter sua função atualizada nas linguagens de comunicação atuais?

A *sitcom (situational comedy)* *How I Met Your Mother (HIMYM)* nos guiará neste estudo para entender como uma função que parece vir da natureza humana se atualiza através dos caminhos culturais e comunicacionais. Para isso, buscaremos entender como se define o conceito de mito e suas funções, tendo como base autores que estudaram amplamente o assunto, como Eliade, Cassirer, Jung e Campbell. Em Roland Barthes, buscaremos entender se a narrativa presente no seriado pode ser considerada uma narrativa mitológica e, através da semiótica de Fontanille, investigaremos qual o percurso de significação que acontece para que o conteúdo do seriado seja apreendido pelo telespectador de forma que este faça uma relação do material audiovisual com sua vida. Desta forma, se desenhou esta pesquisa que é fruto de uma monografia para trabalho de conclusão do curso em Comunicação e que aqui está resumida. Assim, buscaremos explicar se estruturalmente o seriado pode ser uma narrativa mitológica e quais os resultados dessa experiência.

Como comunicadores, jamais podemos esquecer que está em nossas mãos ajudar a construir as múltiplas realidades interpretativas na realidade em que atuamos. As mídias parecem ter herdado o poder místico significante da mitologia e, em nossos dias, não mais dispomos do luxo de ficar alheios ao compromisso que abraçamos na escolha de nossa profissão: faz parte de nosso ofício construir os moldes que enformam a realidade e é nossa responsabilidade todos os resultados que disso advêm.

O mito na humanidade

A capacidade de dar significado ao mundo difere humanos de animais. Porém, o preço dessa capacidade é a angústia: estamos sempre à procura de respostas para aquilo que

não podemos explicar. A mitologia e a narrativa mitológica talvez sejam as expressões mais antigas dessa característica reflexiva do ser humano.

O mundo se torna compreensível através das ideias e nomes que atribuímos a cada elemento. Não poderemos jamais entender aquilo que não podemos explicar simbolicamente. Cassirer (2009) aponta um caminho nos estudos de Max Müller: este autor diz que “a mitologia é, em suma, a obscura sombra que a linguagem projeta sobre o pensamento” (p.18). O mito se apresenta, assim, como resultado de uma deficiência da linguagem para dar significado ao mundo e suprir as necessidades da psique. Desta forma, o mito é como um molde que dá forma desconhecido e amorfo mistério de tudo aquilo que chega à nossa sensibilidade sem um porquê, colocando-o numa aparência inteligível para que tenha um nome e, conseqüentemente, uma função significadora na sua existência. O resultado disso é um alívio das angústias no que se refere ao desconhecido.

A crítica de Campbell (1990) está no sentido de que, hoje, não temos mais a capacidade e nem a vontade de estabelecer tal dinâmica. Ele diz que não acredita na possibilidade de alguém se interessar por um assunto simplesmente porque alguém lhe disse para fazê-lo. Para o autor, é necessário que haja uma introdução apropriada à leitura dos mitos e critica o fato de que hoje não estamos mais familiarizados com o que o autor chama de leitura do espírito. Isso quer dizer que perdemos a capacidade de pensar em mitos?

Ora, na antiguidade, não havia esforço para se chegar ao mito. A mitologia era um elemento cristalizado na cultura. Com a passagem do tempo e com os caminhos que o conhecimento tomou, as narrativas mitológicas foram ganhando status de fábulas e o simbolismo passou a ser antônimo de realidade. Eliade diz que, “o mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva” (MALINOWSKI em ELIADE, 2013, p. 23). O desenvolvimento do conhecimento acabou reduzindo o mito a uma simples ficção cujo uso tem uma finalidade prática, “mas à qual não podemos aplicar a rigorosa medida da verdade, se quisermos evitar que se dilua no nada”. (CASSIRER, 2009. p.21).

Temos, então, o entendimento de que, com o passar do tempo e o desenvolvimento cultural do homem, a presença do mito, da forma que acontecia em tempos primitivos, se esmaeceu. No entanto, ponderamos que, sendo o mito um fruto da natureza humana, como enuncia Jung (2008) sua presença pode se atualizar em nossos tempos. Assim, o mito precisa se atualizar, trazendo sua função numa linguagem que funcione nos tempos de hoje.

As curvas do percurso gerativo de significação

Como se dá a materialização do mito no seriado é um ponto de atenção. O consumo de um produto midiático pressupõe uma experiência: um material nos é apresentado e seu conteúdo deve falar conosco, de forma que sua mensagem, em algum nível, faça sentido no âmbito de nossos desejos, pulsões e aspirações. Esse contexto criado pelo ambiente externo ou mesmo pelo nosso interior –no que diz respeito ao nosso estado de espírito no momento da apreciação deste material- faz parte do conjunto de elementos que vai formar este momento de interação entre o nosso eu, nosso contexto de vida e o produto de comunicação.

Para Jacques Fontanille (2005), a significação de determinada mensagem acontece por uma cadeia de níveis. O conteúdo expressa a sua mensagem através de uma rede de significados que interagem com o sujeito em relação a sua posição perceptiva. No seu entendimento, essa experiência se dá em níveis de pertinência que são hierárquicos e interativos entre si: são os níveis de pertinência semiótica. A análise destes níveis em um material de comunicação ajuda a entender como se dá, neste determinado material, aquilo que o autor chamou de experiência semiótica. Assim, Fontanille propõe que seja analisado o que chamou de percurso de integração dos níveis de pertinência. É este percurso que gera o plano da expressão (FONTANILLE 2005).

Podemos ver a redução sistemática desta teoria na tabela abaixo.

Tabela 1 – Processo gerativo de significação

Tipo de experiência	Instâncias formais	Instâncias materiais
Figuratividade	Signos ↓	Propriedades sensíveis e materiais das figuras
Interpretação	Textos enunciados ↓	Propriedades sensíveis e materiais dos textos
Corporeidade	Objetos ↓	Propriedades sensíveis e materiais dos objetos
Prática	Cenas predicativas ↓	Propriedades sensíveis e materiais das práticas
Conjuntura	Estratégia ↓	Propriedades sensíveis e materiais das estratégias
Ethos e comportamento	Forma de vida	Propriedades sensíveis e materiais das formas de vida

Fonte: Fontanille (2005, p.36).

Assim, percebemos a importância desta ferramenta para a compreensão do processo de significação da mitologia presente no seriado. Se é a estrutura metafórica que permite a polissemia de uma mensagem, se faz necessário uma ferramenta que possa mapear o caminho dessa mensagem à compreensão do telespectador e encontramos em Fontanille uma instrumentação pertinente à construção deste raciocínio no presente trabalho.

Neste ponto, vale lembrar que as reflexões teóricas até aqui apresentadas respondem às provocações que os episódios do seriado HIMYM trouxeram à tona no momento em que este trabalho foi concebido. A teoria vem como uma resposta aos questionamentos que surgem em decorrência da observação da realidade. Uma vez que temos este território conquistado, vamos ao próximo: entender no nível do telespectador e do seriado como esses conceitos se condensam.

Recorte e análise do material

Durante a série HIMYM, foram exibidos 208 episódios ao longo de 9 anos em 9 temporadas. Selecionar o material para análise em uma fonte tão extensa requer atenção e critério. Para este estudo, três cenas foram selecionadas. Levamos em consideração, primeiramente, a função de cada cena para dentro do seriado. Todas marcam etapas importantes na vida dos personagens: a primeira (EP01S02⁴), mostra o término do casal icônico do seriado e a consequente luta do personagem para lidar com o fim de um relacionamento longo, o que resulta e uma das frases motivacionais mais famosas do seriado, proferida pelo personagem Barney que diz: *“when I get sad, I stop being sad and be awesome instead. True story”*. Na segunda cena (EP01S01), vemos o primeiro encontro dos personagens Ted e Robin, que marca o início da busca de Ted pela mãe, que dá nome ao seriado. Nesta cena, é evidenciada a tentativa do personagem de mudar um aspecto de sua personalidade que o faz sofrer: a falta de coragem, quando ele confessa aos amigos que gostaria de ter beijado a mulher por quem estava apaixonado na primeira oportunidade. Por último (EP24S04), vemos a cena em que Ted perde o emprego e, com ele, as esperanças na vida, cena que marca a virada de seu destino e o faz enxergar que a vida não aceita planejamento através de um discurso da personagem Lilly, que usa uma metáfora para

⁴ A sigla EP corresponde ao número “episódio” em questão e a sigla S corresponde à “temporada”.

esclarecer um ponto de vista esperançoso. Ao fim do episódio, a metáfora discursiva torna-se visual e marca o fim daquela temporada.

Acreditamos que, dentre todos os momentos importantes do seriado, estes têm potencial especial para entregar lições de vida e exemplos de problemas globais do ser humano. As cenas foram analisadas à luz das teorias de Barthes e Fontanille dentro da dinâmica da relação espectador-seriado. Os excertos foram extraídos e apresentados dentro de uma entrevista em profundidade com um questionário semiestruturado realizada com sete fãs autodeclarados do seriado. O aprendizado desta fase segue compilado nas páginas que seguem.

O seriado como narrativa mitológica

Cassirer (2009) diz que “apenas a expressão simbólica cria a possibilidade da visão retrospectiva e prospectiva, pois determinadas distinções não só se realizam por seu intermédio, mas ainda se fixam como tais dentro da consciência” (p. 57). A linguagem metafórica, no caso do mito, materializa uma sabedoria milenar através de uma história que caiba na realidade presente. Isso quer dizer que o conteúdo do mito não está no objeto em si, mas, sim, no processo de construção dos sentidos de maneira metafórica e/ou alegórica com que os objetos são apresentados (BARTHES, 2001).

Para Barthes (2001), a estrutura de construção de significado já conhecida através da semiologia, ganha um adendo quando falamos da construção da narrativa mítica. O sistema que pressupõe a construção de um signo a partir do encontro entre significante e significado ganha mais uma camada igual, onde o signo do primeiro sistema serve de significante para um próximo, no qual se cristaliza o mito.

O grande arco narrativo de HIMYM mostra uma história cujas fundações se encontram em temas universais: a pressão por viver uma bela história, ter um bom emprego, ou a expectativa de encontrar um amor para a vida inteira, etc. Essas categorias temáticas se desenrolam pela ações e decisões tomadas pelos personagens, apresentando uma solução possível e identificável ao telespectador para cada uma delas, onde a identificação com o público acontece através das características de cada personagem. É esta construção de cada personagem que entrega à narrativa do seriado a característica de mito.

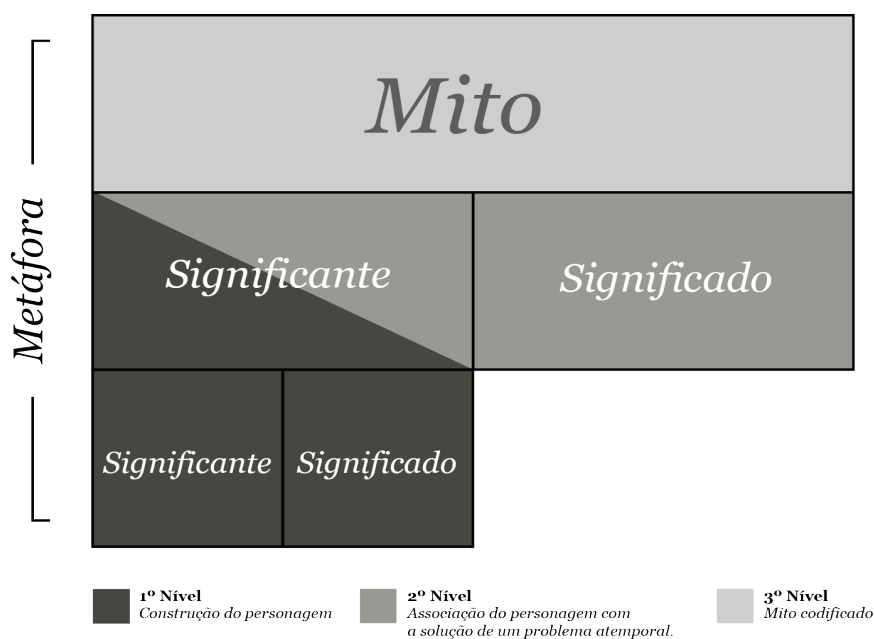
Através da constituição de comportamento dos personagens, é possível traçar um histórico claro de suas atitudes e de seu papel naquele universo. Esta condição quase que arquetípica de cada personagem –uma vez que denota um traço de personalidade linear e

previsível- constrói sobre ele um sistema de significação primeiro, no qual a corporeidade do personagem serve como significante. Por exemplo: se considerarmos o personagem Ted como um significante, ele poderia ter como seus significados, esperança, insistência, fragilidade e insegurança. Barney poderia carregar consigo os significados de vigor, virilidade, coragem, impulsão, desrespeito, impetuosidade... etc. Como vimos em Barthes (2001), essa estrutura faz dos personagens signos, a partir da totalidade que é o resultado da soma de sua imagem física e daqueles significados a eles atribuídos. Isto se pode aplicar a todos os personagens da série.

O que nos interessa nesta análise é que estes personagens, na qualidade de signos, passam a integrar o primeiro nível de um novo processo de significação e de comunicação que se inicia no momento da atuação dentro do universo da série e das situações que ela apresenta. Essa organização pode ser vista graficamente no seguinte esquema:

Figura 1 – Estrutura barthesiana aplicada à construção de personagem no seriado

HIMYM.



Fonte: Elaborado pelo autor

Estes personagens que já são signo e têm, por si só, sua representatividade, passam a ser suporte –significantes- de um outro sistema. Neste novo sistema, o significado vem da situação apresentada através de um conflito dentro da história: as dores da separação de Marshall trabalhada por Barney na primeira cena, a culpa de Ted por não ter aproveitado o

momento para beijar a personagem Robin na segunda cena e sua frustração por não dar conta do seu plano de vida na última cena

Tendo os personagens e sua representatividade anterior, somados ao significado da situação imposta, gera-se um novo signo, que representa aquilo que significa a totalidade da cena analisada. Desta forma, analisando a estrutura de significação do ponto de vista de Barthes, podemos entender que o seriado HIMYM segue a estrutura sugerida pelo autor para os mitos contemporâneos e, portanto, podemos entendê-lo a partir de agora, como uma narrativa mitológica.

A experiência mitológica dos telespectadores

O seriado HIMYM apresenta um discurso funcional, ficcional e, muitas vezes, sob a forma metafórica. Até aqui, através da observação do seriado e o cruzamento com o ponto de vista barthesiano, conseguimos enxergar como, estruturalmente, o mito se manifesta no seriado. A partir de agora, olharemos para esse fenômeno observando a experiência do telespectador.

Para analisar a dinâmica da interação entre o telespectador e a narrativa do seriado através do material coletado durante as entrevistas em profundidade, é necessário um método que dê conta dos múltiplos elementos pertinentes à geração de significado do seriado. Para isso, usamos como ferramenta a semiótica de Fontanille. Como colocado nos capítulos anteriores, ela nos apresenta um caminho, o que o autor chamou de “percurso gerativo da significação”. Em seu trabalho, Fontanille propõe um percurso pelo qual a informação percorre no seu processo de compreensão. A seguir, organizamos os conceitos de operação usados neste trabalho bem como as etapas do percurso gerativo de significação que consideramos importante para o desenvolvimento desta pesquisa. Eles são importantes na medida em que condensam conceitos em palavras e erradicam a ambiguidade da interpretação na presente análise.

Tabela 2: Conceitos de operação empregados no presente trabalho.

Situação semiótica	Configuração heterogênea que comporta todos os elementos necessários à produção e à interpretação da significação de uma interação comunicativa.
Percurso de integração	O caminho percorrido pelos níveis de pertinência semiótica do qual resulta o encadeamento que gera sentido.
Categorias utilizadas do percurso gerativo de significação	
Texto-enunciado	A mensagem da enunciação. Um conjunto de informações organizadas de forma homogênea em um mesmo material.

Cenas Predicativas	É a dimensão onde uma prática é convertida em situação semiótica.
Conjuntura/estratégia	É a dimensão das experiências subjacentes às quais as cenas predicativas se ajustam.
Formas de vida	Ethos, identidade de comportamento que se ajusta à estratégia e configura um dispositivo de expressão pertinente à análise.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Fontanille (2005)

Há duas etapas do percurso gerativo de significação proposto por Fontanille (2005) que não serão consideradas em nossa análise. Uma delas é a primeira, a etapa do plano dos signos, que representa uma unidade de significação muito pequena no presente material, que é tão dinâmico. A outra é a etapa que diz respeito ao objeto, à moldura onde o seriado é consumido. Ora, sabemos que, hoje, um produto como um seriado de TV não se limita ao seu suporte tradicional, mas pode ser consumido, também, em computadores, tablets ou qualquer outro equipamento que tenha a capacidade de reproduzir vídeos e, portanto, este nível não apresenta pertinência suficiente para este estudo e não será considerado em nossa abordagem. Isso esclarecido, vamos à análise.

A apropriação do discurso mitológico na vida dos espectadores

A temática do seriado e os assuntos gerados durante seu andamento percorrem variados temas da vida. Esta amplitude, podemos inferir, é um movimento de roteiro que visa tornar projetivo o material sensível presente na série para quem assiste. Episódio após episódio, durante os anos decorridos, Ted, Robin, Barney, Lilly e Marshall viveram fases importantes de sua vida e vivenciaram de forma, às vezes exageradamente dramática, as diferentes faces que compõem o prisma da experiência de estar vivo.

Dessa forma, vemos, a partir da fala dos informantes, durante a etapa de entrevista em profundidade, que o material do seriado é constantemente objeto de comparação com a sua vida. Em tempo, entendemos aqui que, o conceito de “ocupar-se de sentido”, dito por Campbell (1990), é o momento onde ocorre a relação, por parte do telespectador, do material sensível apresentado na série com seu cotidiano, e é esta identificação que estamos chamando de apropriação do conteúdo mitológico.

[...] no meu relacionamento, às vezes, eu vejo coisas que acontecem na série eu vejo, assim, acontecendo comigo [...] É até engraçado isso, porque, como já é um campo conhecido, porque eu já vi no seriado como é que é, eu fico: tá, e se tal coisa acontecesse, como seria pra mim, na minha vida, sabe? Meio... louco pensar isso, mas sabe, acaba acontecendo (Entrevistada 3).

Essa prática pode resultar em uma reflexão ou insight e pode gerar, ou não, uma ação por parte deste indivíduo. Podemos constatar este movimento ao analisar a seguinte de um entrevistado:

Eu, pelo menos, sempre que eu vejo alguma coisa eu quero aprender, tirar uma lição daquilo ali. Então eu estou constantemente vendo o episódio e vendo: bah, isso daí não é legal, melhor eu não fazer isso um dia, sabe? (Entrevistada 3).

[...] já terminei amizades depois de assistir um episódio meio... por ficar pensando demais naquilo e me dar conta de algumas coisas na vida que não estavam muito... (Entrevistada 2).

Aqui, vale destacar como se expressa forte o poder deste discurso. Este fator, amplamente observado na totalidade dos dados colhidos no processo de entrevista, reforça nosso entendimento a respeito da pertinência desta discussão para a área da comunicação.

A partir da observação das cenas selecionadas com o cruzamento das falas dos entrevistados, duas categorias de mensagem presentes no seriado foram definidas para serem analisadas no presente momento: a resiliência e a coragem. A primeira categoria, a resiliência, trata da capacidade humana de enfrentar uma dificuldade sem esmorecer-se. A segunda, a coragem, é a virtude que nos permite enfrenar o medo em nome de algum objetivo. No caminho desta pesquisa, identificamos que estes temas são recorrentes no seriado e apareceram na fala dos informantes. Resiliência e coragem são virtudes que estão presentes na fruição de nossos modos de vida e dos quais a mitologia se apropria no seu desenvolvimento.

Iniciamos nossas investigações pela categoria da resiliência. Este termo, emprestado da física, representa quanto nós, humanidade, somos capazes de superar uma dificuldade sem o resquício de traumas. A resiliência parece estar ligada à capacidade de identificar as armadilhas do temperamento e saber manter a constituição de personalidade equilibrada a fim de superar uma crise. Isso não significa não sentir dor, mas, sim, reconhecer o papel dela no curso da vida e significá-la dentro de uma situação dolorosa.

Na cena em que o personagem Barney postula a frase que tornou o personagem famoso e foi alvo de muitas reproduções na internet: *“When I get sad, I stop being sad and be awesome instead. True story”*. Este conselho mostra a intenção em superar um momento difícil de forma leve, apresentando uma nova maneira de agir frente ao problema. Entendendo esta cena como uma situação semiótica (FONTANILLE, 2005), poderíamos

classificá-la como uma cena predicativa, isto é, uma cena que preenche de sentido uma ação. Aqui, o personagem aponta uma atitude a ser tomada frente a um problema. Barney propõe uma saída aparentemente simples, reforçando sua característica de homem confiante e seguro. No momento que este material sensível é apreendido pelo telespectador, ele passa a fazer sentido para este que assiste e dá significação àquele momento em que lhe foi apresentada uma solução para o problema que todos os personagens estavam lidando. Vemos isso em Campbell (1990), quando ele postula que a mitologia ensina às pessoas “sobre sua própria vida”. Para um de nossos entrevistados, o entendimento foi o seguinte:

Ajuda a tomar muitas decisões que eu tomei, eu refleti: bah, eu acho que eu não devo ir pelo caminho de sempre. E a série mostra muitos outros caminhos (Entrevistado 6).

A relevância que tem a frase dita pelo personagem, no que diz respeito a sua significação para os telespectadores, se deve ao que Barthes (2001) trata como a cadeia semiológica que existe antes do mito. Ora, a esta altura do seriado (primeiro episódio da segunda temporada), Barney já se configura com sua semântica estruturada: ele tudo pode, e tudo faz. Suas ações e vontades são realizadas sem muitos esforços e seu comportamento reflete esta certeza de quem sempre sabe o que está fazendo. Uma mitologia antiga talvez o configurasse como um deus ou herói. Aqui, características de um homem acima da problemática da vida adjetivam caricatamente o personagem tornando-o uma representação quase pura do mais alto grau que a onipotência humana pode ter. Encarando o personagem como um signo, nos conceitos de Barthes, temos em sua fala um segundo sistema que vem apoiado no primeiro. O efeito desta estrutura pode ser observado na fala do entrevistado.

Ahn, a frase do Barney é muito Barney, e eu acho que um monte de gente meio que quer ser daquele jeito: tentar... não se deixar abalar por coisas assim e ser legal... ser awesome (Entrevistado 6).

E podemos observar como ocorre a apropriação do material sensível por parte do entrevistado:

Aquela cena foi bem legal, porque, como eu disse, eu estava solteiro, então eu tinha acabado um relacionamento e o Barney falando: 'ah, quando eu fico triste, eu paro de ficar triste...'. É uma coisa simples, mas que é verdadeira. Ele deu a real ali e é um daqueles tapas na cara que a série dá. É uma das coisas que eu me identifiquei e por isso a série é bem importante pra mim. (Entrevistado 6).

Aqui podemos perceber que o momento de vida do entrevistado acabou por ser mais um elemento de significação presente na experiência de assistir a cena. Vamos, então, para a segunda categoria de análise.

A coragem é virtude humana que consiste na superação do medo. Ela é tema mitológico inesgotável e sua presença é recorrente nas narrativas míticas de todo o mundo. É através da coragem que damos conta de nossos objetivos de vida, enfrentando a incerteza. Apesar de ser tema recorrente de histórias claramente épicas, a coragem é uma virtude constantemente revisitada em nosso cotidiano. Na vida, exaltamos aqueles que têm coragem para fazer o que acreditam ser o certo, mesmo diante das dificuldades. Contamos suas histórias, dando, assim, continuidade à característica humana de mitificar acontecimentos que tenham em seu conteúdo, material que exalte as virtudes humanas.

Na série HIMYM podemos encontrar a coragem em discursos que falam de buscar um sonho, de tornar a vida espetacular e de fazer de cada dia um evento memorável e digno de recapitulação. É na mesa do bar que o grupo de personagens conta histórias e conjectura e as discute.

Na terceira cena selecionada, Ted, mais uma vez frustrado com os percalços da vida, mostra-se inconformado por ter sido demitido e estar numa situação de ter que aceitar um emprego como professor de arquitetura. Ele justifica dizendo que esse não era o plano e que seu plano era ser um arquiteto. Aqui, de novo, vemos o reforço desta característica do personagem que já comentamos. Dentro do seriado, Ted se mostra frequentemente frustrado com suas expectativas e com a característica não linear da vida que faz com que seus planos nem sempre saiam como o esperado. Neste momento, a história abre espaço para a intervenção de Lilly que, aqui, faz o papel do sábio e dá uma nova perspectiva para Ted. Ela diz que ele deve esquecer o plano e dar o salto, expressão que podemos entender, quer dizer que ele deve enfrentar o medo de cair no desconhecido, tomar coragem e agir de acordo com o que a vida apresenta. Vemos esta interpretação na fala de dois entrevistados:

Então, aquilo ali também foi importante, foi mais um momento que eu me identifiquei: ah, não vou ficar esperando acontecer, vou fazer acontecer (Entrevistado 6).

Quando eles falam a respeito de, tipo assim, pro Marshall ali de pular (dar o salto). Aí tu pensas: o que que eu deveria pular, porque tudo tem seus próprios problemas, aí eu penso a respeito deles a partir do que os personagens estão fazendo, sabe? (Entrevistada 4).

Podemos perceber como a linguagem metafórica, pela sua característica polissêmica, permite uma fácil conexão do conteúdo do seriado com a vida da pessoa que o assiste. E, a partir do material recolhido, constatamos que esta característica pode, também, estar presente na totalidade do seriado, como podemos ver na fala desta entrevistado que, ao ser perguntada sobre qual seria a mensagem definitiva do seriado, respondeu:

Principalmente naqueles momentos que tu fica com medo de fazer alguma coisa e aí tu pensa: ah, não adianta ficar com medo, porque é como dizem no HIMYM, porque isso, isso e isso (...) Tu te motiva pelo que tu vê que dá certo só que, também, por outro lado é muito mais fácil dar certo numa série que é planejada para dar certo, mas acho que tem um pouco, assim, de um incentivo função do que eles fazem (Entrevistada 3).

Dessa forma, conseguimos enxergar de que maneira se organiza a situação semiótica em função da geração de significado dentro do seriado HIMYM. Através das unidades de cena (aqui, analisamos três) que carregam uma mensagem, o telespectador faz o ajustamento dessa mensagem a partir do reconhecimento de uma prática que lhe é comum, dando sentido àquela experiência visual. Este é o nível da cena predicativa, que leva este nome porque ela confere sentido à prática a partir da leitura do texto enunciado, que neste caso é o seriado. Ao conjunto dessas práticas, dá-se o nome de situação-estratégia, que é o nível no qual elas se relacionam e ganham significação, por meio de relações de “superposição, sucessão, acavalamento ou concorrência”. É esta a experiência de conjuntura (FONTANILLE, 2005, pp. 26 e 27).

A totalidade desses ajustamentos, em todos os níveis pertinentes ao processo gerativo de significação, constitui uma regularidade que herda as práticas antes comentadas. Isso quer dizer que os modos através dos quais o telespectador interpreta e apropria-se do conteúdo mitológico presente na série acabam por integrar uma prática global, que reúne todos os níveis anteriores, constituindo, assim, o que Fontanille chamou de forma de vida. No caso de nossa análise, percebemos esta padronização na repetição das interpretações apresentadas por nossos entrevistados.

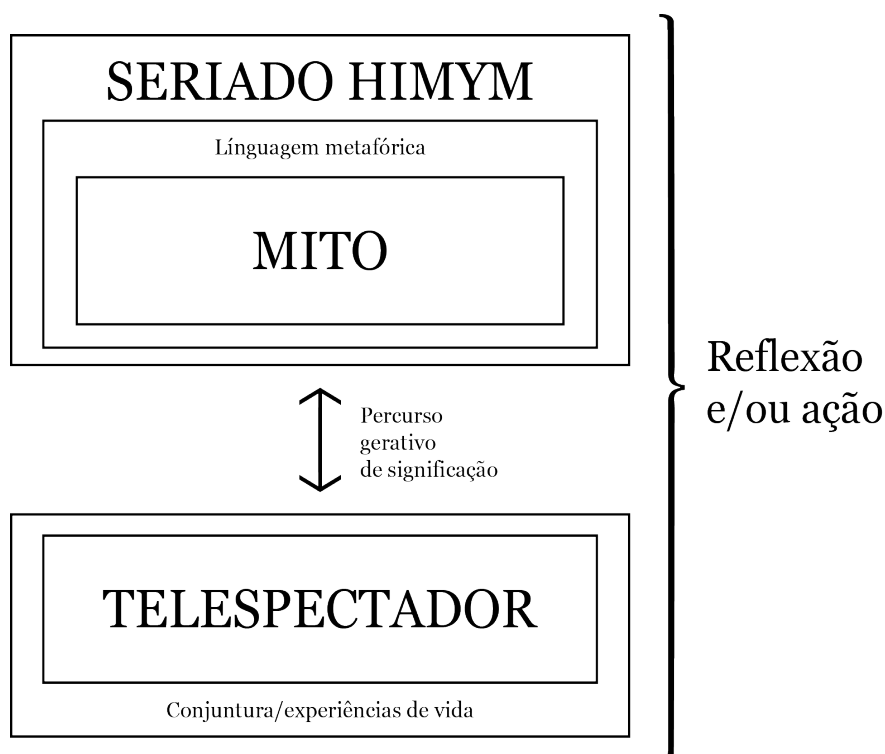
Considerações finais

Identificamos que o seriado HIMYM tem plenas condições de constituir uma narrativa mitológica pelos termos de Barthes. A estrutura de sistema duplo apresentado pelo

autor pode ser identificada na forma de construção dos personagens e de todas suas histórias, bem como as características a eles atribuídas.

Essas práticas se desdobram em duas possibilidades: reflexão e ação. Na primeira acontece uma avaliação de uma situação da vida que diga respeito ao que foi visto no seriado. O tema do seriado desencadeia no telespectador um processo de análise dos rumos da vida, fazendo uma relação de pareamento com o que o material do seriado, na intenção de encontrar relações de igualdade ou diferença, a fim de validar as ações futuras. Esta reflexão pode terminar em si mesma ou partir para uma segunda etapa. Nela, o telespectador, numa quase que mimetização, encontra no seriado justificativa e exemplos para conduzir ações na sua vida, em situações análogas àquilo que ele vive. O seguinte esquema expressa graficamente este raciocínio.

Figura 11 – Expressão e experiência do mito no seriado de televisão



Fonte: Elaborado pelo autor

Neste ponto, percebemos que as características atribuídas à função mitológica apresentadas ao início deste trabalho se fazem presentes no seriado HIMYM. Através da experiência do seriado, conseguimos enxergar neste material audiovisual uma atualização para a expressão do mito no cotidiano da sociedade, mostrando, assim, que a narrativa mitológica não precisa enformar a realidade em uma história fantástica que só é possível e

pertinente a uma sociedade primitiva. A expressão do mito pode e está presente em materiais midiáticos do nosso cotidiano, prendendo a atenção do telespectador por conta da pertinência do seu conteúdo que é enformado em uma estrutura que o caracteriza como narrativa mitológica. É o que faz com que esta expressão cumpra a sua função milenar em pleno século XXI através do audiovisual: ser uma bússola para o homem que não encontra seu caminho frente às mazelas da vida, mostrando que, ao contrário de adormecida, a função mitológica permanece presente, ajustada nas atuais conjunturas de mundo, tomando por assalto o ser humano, sem que ele perceba, em seus momentos de entretenimento.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 11ª ed. 2001
- CAMPBELL, Joseph J. **As transformações do Mito Através do Tempo**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- _____. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- _____. **A Extensão Interior do Espaço Exterior**. São Paul: Campus, 1991.
- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva. 6ª ed. 2013.
- FONTANILLE, **Significação e Visualidade**. Exercícios Práticos. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1987.
- JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- _____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2007.